

A IDADE DA CHUVA: MARX E OS MARXISTAS – ATUALIDADE E ATUALIZAÇÃO¹

Fábio José Cavalcanti de Queiroz²

Partindo de autores marxistas, que, ao longo do século XX e nos primeiros anos do século XXI, se empenharam em revisitar e atualizar o marxismo, neste artigo, que coincide com os 200 anos do nascimento de Marx e os 170 anos da publicação do Manifesto Comunista, se oferece uma trilha teórica com a qual se pretende coadjuvar os estudos em torno da atualidade e atualização do legado marxista.

A idade da chuva é sempre a mesma e nunca é a mesma, pois ela própria se renova e, ao se renovar, se torna outra, que traz em si a antiga e a nova idade. Assim é o pensamento marxista: a sua base é a mesma, mas, ao longo do tempo, ele se renova, e a sua idade é antiga e nova.

A medida histórica do marxismo, nesse mesmo sentido, é dada pela constante atualização que sofre o capital de quem o marxismo é o crítico – teórico e prático – mais pertinente.

Para os que torcem o nariz para o marxismo e insistem tratá-lo como antigo e ultrapassado, advirto que, neste artigo, a idade do marxismo - no momento em que se rememoram os 200 anos do nascimento de Marx e os 170 anos do Manifesto Comunista - é a idade da chuva, essa idade que se renova.

Ao feito de preâmbulo: Bensaïd e o capital que atualiza Marx

Neste artigo, diferentemente de grande parte de trabalhos de minha autoria, deixo de lado a análise imanente do próprio texto de Marx e me volto, ainda que eventualmente, para

¹ Palestra proferida no *Seminário Marx 200 anos – A atualidade da Filosofia da Práxis* realizado na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, em Fortaleza, em 09 de maio de 2018.

² Doutor em Sociologia (UFC), com pós-doutorado em educação (UFC), é professor do Departamento de História da Universidade Regional do Cariri (URCA), na qual é líder de um grupo de pesquisa de clivagem marxista. É autor do livro *O dezoito de Brumário da burguesia brasileira* (2014), publicado pela Editora Sundermann, e um dos organizadores da obra *O cotidiano e o extraordinário: o centenário da revolução de outubro*, cuja publicação se deu pelas mãos da Editora CRV (2017). Além disso, é autor de capítulos de livros acadêmicos e de artigos em revistas como *Outubro*, *Antítese* e *Universidade e Sociedade*.

autores que transformaram a sua obra em um esforço recorrente de diálogo e atualização quanto ao legado de Marx, como é o caso de Daniel Bensaïd.

Bensaïd foi uma das principais lideranças do Maio Francês. Os anos enaltecem mais a figura de Cohn-Bendit do que a de outros, mas os que conhecem a fundo a história de 50 anos atrás sabem perfeitamente da importância de Bensaïd em todo aquele movimento histórico.

Há precisamente 19 anos, a Civilização Brasileira publicou a obra “Marx, o intempestivo”, de autoria do Bensaïd. Intempestivo quer dizer inesperado, impróprio, extemporâneo, surpreendente. Depende muito do contexto. Por que Bensaïd se remete, então, a esse termo? Ele, inicialmente, se apóia em Maurice Blanchot, que acha que Marx formula uma maneira de pensar que subverte a própria ideia de ciência. Isso me faz recordar o que disse Althusser a esse respeito: para ele, Marx era tão novo em sua época que se tardou a compreendê-lo. Bensaïd, então, tenta elucidar essa presença intempestiva, súbita, repentina de Marx em um mundo no qual o capital é cada vez mais soberano:

Diz assim Daniel Bensaïd acerca da atualidade do Marx:

Essa atualidade é antes de tudo a da universalização e da vitalidade mórbida do próprio capital. Tornando-se efetivamente planetário, ele é mais do que nunca o espírito de nossa época sem espírito e o poder impessoal do reino da mercadoria. Nosso nublado horizonte e nosso quinhão. Enquanto o capital continuar dominando as relações sociais, a teoria de Marx permanecerá atual, e sua novidade sempre recomeçada constituirá o reverso e a negação de um fetichismo mercantil universal (1999, pp. 11-12)

Ora, mas o tempo, que é capaz de tudo abafar, não teria abafado a força da crítica – teórica e militante - de Marx ao capital? Daniel Bensaïd tem outra compreensão. Para ele, “Longe de abafar esse ‘trovão inaudível’, as conturbações do mundo permitem enfim que ele seja ouvido”. (P. 12) A crise iniciada por volta de 2008 e que, uma vez mais, apontou os limites e as contradições das relações sociais capitalistas, fez com que muitas pessoas, de distintas classes, voltassem a estudar Marx e O capital.

A minha hipótese é que a teorização de Bensaïd, que é anterior a crise aberta em 2008, encontra um leito favorável a ser percorrido. É desse ponto que pretendo partir.

A atualidade do Marx decorre do fato de que seu legado, *grosso modo*, corresponde a “uma teoria crítica da luta social e da mudança do mundo” (BENSAÏD). Essa luta social e essa noção de mudança não se operam de modo separado de uma crítica ao capitalismo. Se

Marx era tão novo em sua época que se tardou a compreendê-lo, as lutas sociais em curso e a própria situação do modo de produção capitalista, em lugar de superá-lo, parecem, mais do que nunca, que o atualizam. Em todos os casos, a regra de ouro é que o próprio sistema do capital, a sua dramática atualidade, em boa medida, reforça a novidade e a contemporaneidade do marxismo.

Há certa ironia nos enfoques acerca da suposta e reiterada morte do marxismo, uma vez que ele se nutrifca, nesse novo contexto, a despeito do tom raivoso de seus oponentes, de um fator registrado com inegável precisão: a gigantesca atualidade do capital e do regime social cujo destino a ele diretamente se associa.

Algo se quebrou na dobra do século. O marxismo, uma vez mais, parecia morto ou abafado. Inversamente, o capital aparentava uma saúde imperecível. Em uma década e meia de século XXI, duas grandes crises desvelaram as fragilidades do modo de produção especificamente capitalista, mas, de modo até certo ponto paradoxal, o seu estado mórbido recorda aos seus adversários que essa condição lhe é de toda inerente. Ao mesmo tempo, no entanto, esse aspecto intrínseco do capital, contraditoriamente, reforça a sua crítica, teórica e política, e nenhuma crítica teórica e política ao capitalismo se mostrou, até hoje, superior ao escrutínio crítico de Marx e de seus continuadores. De modo geral, com avanços e recuos, continuidades e rupturas, essa tem sido a dinâmica das relações entre o sistema do capital e seus contendores mais ostensivos. Com base nisso, surge a pergunta: por que haveria o marxismo de estar morto?

A história humana, nos dias que correm, mais do que nunca, é a história do capital, malgrado as nuances de uma ordem social visivelmente complexa. Essa história humana, no que se refere às suas aspirações de mudança, ainda encontra na tradição marxista uma fonte vigorosa que ora a aviva, ora a enfurece, mas, quase nunca, a desalenta. Essa contradição entre o desenvolvimento do capital e o do marxismo, em última análise, apenas revela que nenhum dos oponentes está morto, embora não tenham faltado esforços, de ambos os lados, para que isso acontecesse.

Marx e os marxistas: os caminhos e descaminhos da mudança social

Ao se inventariar a crise econômica, *os benefícios dos ricos e as desgraças dos pobres*, talvez se faça necessário concordar com Hobsbawm (1998), quando no

sesquicentenário do nascimento do Marx, afirmou que a abordagem do intelectual e militante alemão “ainda é a única que nos habilita a explicar toda a amplitude da história humana e constitui o mais frutífero ponto de partida para a discussão moderna” (pp. 68-69).

O problema é quando, a despeito da atualidade do legado do Marx, apetece transformá-lo de ponto de partida da discussão em começo, meio e fim, em dogma, em um saber talmúdico capaz de ter resposta para todas as questões do tempo presente.

Marx insiste na hierarquia dos fenômenos sociais e das tensões internas a toda sociedade de classe. Nessa linha, reconhece a especificidade da estrutura social capitalista, estuda sua dinâmica interna e nunca deixa de admitir sua historicidade. Essa é uma diferença fundamental de Marx com relação a intelectuais muito sérios como Adam Smith e Ricardo. Esses intelectuais muito sérios não levam até as últimas consequências a admissão da historicidade capitalista. Marx (2001) chega a troçar dessas pessoas: “houve história, não há mais”.

Ao longo do século XX, correntes neopositivistas, dos EUA, principalmente, não se cansaram da “busca de métodos de realização de mudança social que não implique revolução social” (HOBBSAWM, 1998, p. 163). Na *óptica* dessas correntes, o que cheira mal em Marx é que o seu método de realização da mudança social não se separa do reconhecimento da historicidade do capitalismo e da possibilidade de sua superação por meio de uma revolução social. Marx não apenas estuda o papel dos conflitos de classe ou a dinâmica das formações econômicas, mas, do mesmo modo, os mecanismos de transição de uma para outra. Marx liga a dinâmica interna da mudança à ideia de uma revolução social, entendendo esta como a locomotiva da história. Todos seus adversários admitem a existência de sistemas sociais. Essa é uma ideia geralmente aceita. O que, talvez, não os agrada é o pressuposto de Goethe para o qual “tudo o que vive merece perecer”.

A noção de historicidade de Marx se choca com a de eternidade do capital, preconizada pelos seus áulicos. Ou seja: *houve história, não há mais*. É preciso buscar um modelo adequado de mudança histórica, pensam esses áulicos do capital. Esse modelo, como sem falta, precisa se adequar à preservação das relações sociais de produção em que o soberano é o capital e, evidentemente, o seu desejo incontido de reprodução. É o caso, por exemplo, de indagar: o modelo de Marx - assentado na noção de historicidade das relações de produção capitalista - segue ou não atual?

Isso não significa a inevitabilidade de que as contradições internas do capitalismo e os movimentos no sentido de superá-las, direta e imediatamente, resultam na edificação de uma sociedade socialista. Ao longo dos últimos cem anos, a barbárie e o fascismo sinalizaram para algo ainda mais medonho e recuado em comparação com o que sabemos do capitalismo. A história não é uma reta unilinear universal. Ela é mais complexa, mais sinuosa, mais arredia. Mudar a vida, mudar o mundo, de certo modo, implica em ter essa compreensão irrecusavelmente dialética.

A imensa força de Marx e do marxismo decorre de um raciocínio dialético e não de uma leitura simplista, ingênua, da realidade. Muitos dizem que os marxistas se prendem as velhas fórmulas da luta de classes do século XIX. Será isso mesmo? As contradições internas da sociedade não são exclusivamente conflitos de classe contra classe. Os marxistas sabem disso.

As contradições que, por exemplo, envolvem etnicidade, sexualidade e gênero não são alheias ao marxismo. São contradições internas de uma sociedade na qual os capitalistas se comprazem em empregar as distintas formas de opressão para reforçar as relações de exploração. Quantos haitianos e bolivianos não vieram para o Brasil nos últimos anos e, hoje, mais do que nunca, são utilizados como mão de obra superexplorada? As lojas Marisa e o seu slogan de “mulher para mulher” apenas escondem a ligação de muitas de suas oficinas de confecção com o trabalho escravo, nomeadamente de mulheres de países sul-americanos vizinhos. Não por acaso, recentemente, a Marisa recebeu 43 autos de infração trabalhista. Saindo do Brasil: quantos chineses não produzem o célebre *Iphone* por salários irrisórios e à custa de um regime de trabalho severo e irredutível? A opressão de muitos a serviço da lucratividade de poucos. Nessa linha de raciocínio, Marx não se mostra alheio nem a situação social dos lenhadores da Alemanha. Escreve a esse respeito, polemiza, descortina horizontes que, num breve futuro, moldariam sua inescusável crítica ao capitalismo.

Além disso, Marx se não mostra refém do tecnicismo, do produtivismo e do economicismo, como muitas vezes os seus adversários mais ferazes procuram demonstrar. Aliás, a tradição marxista nota que a capacidade produtiva do capitalismo se apóia em sua capacidade destrutiva. O seu progresso, paradoxalmente, representa um retrocesso para humanidade e a natureza. Dessa maneira, a violência do capital se deixa confessar na busca do maior incremento técnico com vistas a saquear, e ampliar esse saque, contra todo aquele que vive da venda de sua força de trabalho, ultrapassando até esse desiderato quando avança

desmedidamente contra outros mananciais da riqueza. Dessa maneira, ao solaparem a natureza e o trabalhador, os senhores do capital mostram em toda sua mais límpida envergadura o sentido violento que acompanha a lógica da produção capitalista, independentemente do lugar em que essa opera. Nesse tópico, Marx declara: “A produção capitalista só desenvolve a técnica e a combinação do processo de produção social na medida em que solapa os mananciais de toda a riqueza: a terra e o trabalhador” (2013, p. 574).

Em suma, o marxismo não se mostra alheio às contradições internas da sociedade (as múltiplas formas de opressão, a destruição da natureza, o uso da técnica para acentuar a violência da exploração etc.) que, como visto há pouco, são de diversos tipos e teores, mas busca articular tais contradições aos conflitos de classe com vistas à mudança social. Essa mudança social não é possível, no horizonte marxista, sem considerar a necessidade de modificar as relações sociais de produção vigentes.

Nessa lógica, o mais notável é como o marxismo se torna uma tradição com múltiplas portas de entrada, exatamente por constituir a mais abrangente crítica do capitalismo. Mais do que uma crítica econômica, trata-se de uma posição global de rejeição de uma ordem de coisas de que o sistema de produção capitalista é o eixo nevrálgico.

Enquanto o capitalismo continua sua atividade, Eagleton restaura Marx e o marxismo se encontra no combate as opressões

“O marxismo é uma crítica do capitalismo – a crítica mais investigativa, rigorosa e abrangente já feita”, como bem o disse Terry Eagleton (2012, P.5). Assim, “enquanto o capitalismo ainda continuar em atividade, o marxismo precisará fazer o mesmo. Somente depois de aposentar seu oponente ele será capaz de se aposentar” (idem).

O que aparece como alternativa teórica ao marxismo, a exemplo do pós-estruturalismo, não consegue ir além do capitalismo. Não por acaso, os pós-modernos só conseguem enxergar o futuro como “o presente acrescido de mais opções”. Ora, o que é o presente acrescido de mais opções senão o capitalismo recauchutado? Mesmo Fukuyama admite que, ao lado da eternidade do capitalismo e da democracia liberal, há espaço para opções que, manifestamente, não ultrapassem as fronteiras das relações sociais vigentes.

Dessa maneira, volto um pouco até o ponto de partida: Bensaïd. A atualidade de Marx colada à atualidade do domínio do capital. Mas, é preciso acrescentar algo mais a esse

enfoque. A reprodução do capital é impossível se pensada apenas no plano puramente econômico. Esse processo, por certo, é mais intrincado, mais enigmático. Aliás, “Marx considerava a sociedade capitalista impregnada de fantasia e fetichismo, mito e idolatria” (EAGLETON, 2012, p. 11). Isso se preserva atual ou não? Embora a ideologia dominante, em seus múltiplos disfarces, diga que não, os trilhos da história desafiam o que o mundo da publicidade capitalista oculta.

E o que o mundo da publicidade capitalista oculta? Metafraseando Eagleton, dir-se-ia que, hoje, nos EUA, frações de mais de um milhão de pessoas estariam buscando emprego caso não estivessem na cadeia ou não? Hoje, no Brasil, parte de mais de 700 mil pessoas estaria buscando emprego caso não estivesse na cadeia, ou não? A propósito, nos dois casos, a maioria desses presidiários é constituída de negros e negras.

Festeja-se anualmente a abolição, mas os marxistas brasileiros sabem qual foi o destino dos povos negros depois desse episódio e sabem que, hoje, não há qualquer possibilidade de mudança real no país que não considere a situação desses povos, bem como dos indígenas. Uma parte dos marxistas vai mais adiante e afirma que a revolução brasileira será negra ou não será. Assim como a história da opressão feminina, a história dos povos negros se entrelaça com a história da luta de classes, mas não é apenas um aspecto irrelevante (e ligeiro) dela.

Marx, tomando como referência inicial a questão irlandesa e uma frase de Engels, insiste: *um povo que oprime outro jamais será livre*. A relevância contemporânea da luta contra os diversos tipos de opressão não destoam do texto e do método de Marx. Figuram em seus textos, notas, cartas e, igualmente, em sua ação militante, uma série de pistas que, se bem observadas e estudadas, podem nutrir teoricamente e iluminar politicamente os embates em curso contra as distintas formas nas quais a opressão completa a obra decisiva da exploração humana. Os limites de sua abordagem são os limites de tempo e lugar e o grosso da crítica acerca de suas posições, em larga medida, é acompanhado seguramente de um anacronismo histórico de olhos obtusos. Nesse caso, em lugar de existir algum tipo de empenho de atualização, há uma tentativa contumaz no sentido de aniquilar todo pensamento de Marx, empurrando-o para ruelas estreitas e becos sem saída. Essa tentativa aflora, fundamentalmente, de estudiosos e de correntes políticas que tomam a temática das opressões de modo estilhaçado.

O que torna essa discussão mais complexa e controversa, com efeito, é o fato de que o marxismo refuta o esfacelamento das lutas sociais, entendendo que essa trituração, além de opor inadequadamente o combate às opressões e o combate à exploração, calça a trilha para que o regime social vigente aprofunde as formas materiais de sua reprodução; no entanto, ao longo do último século de trajetória humana, esse entendimento não impediu que os marxistas se mostrassem abertos com vistas não a esconder os limites (de tempo e de lugar) do legado marxiano com relação ao debate das opressões, mas de se mostrarem inclinados a alargá-lo e enriquecê-lo à luz do desenvolvimento das lutas sociais.

Os limites e a ampliação de Marx: antes e depois do manifesto, o mundo pulsa

O capitalismo levou cerca de 400 anos para se consolidar no mundo. Por isso, o marxismo que prescreve a sua superação “é uma teoria e uma prática da mudança histórica de longo prazo” (EAGLETON, 2012, p. 33). Tomando essa percepção como parâmetro, há de se considerar que o método marxista deve ser entendido “como o princípio de investigação orientador”, e como tal ele deve ser tomado. Ele não tem uma varinha mágica nem respostas prontas. Assim,

Começamos pelo pressuposto evidente de que a história do marxismo não pode ser considerada como algo acabado, já que o marxismo é uma estrutura de pensamento ainda vital e sua continuidade foi substancialmente ininterrupta desde o tempo de Marx e Engels. (HOBSBAWM, 1983, p. 13)

Na coleção *História do marxismo*, as discussões em torno de Marx e do que é ser marxista, ou mesmo do que fazer com o espólio de Marx, perpassa uma parte das análises dos autores e um grande número de releituras lança pistas valorosas a esse respeito. Como bem o disse Pierre Vilar, “Jamais alguém se torna marxista lendo Marx; ou, pelo menos, apenas o lendo; mas olhando em volta de si, seguindo o andamento dos debates, observando a realidade e julgando-a: criticamente”. (1983, p. 97). O marxismo compreende capacidade de análise e de intervenção. Talvez por isso, esteja correto Pierre Vilar. Doutra lado, Marx não virá “no nosso socorro”. Cabem as pessoas do tempo corrente a tarefa de oferecer as respostas que esse tempo exige. Marx não fará isso por essa geração

O que enriquece o marxismo é que, ao longo da história pós-Marx, muitos marxistas não esperaram pelo socorro de Marx. Foi assim que surgiu gente como Lênin, como Trotski,

como Gramsci, como Lukács, como Löwy, como Bensaïd, como Hobsbawm, e tantos outros, que, apoiados no legado do Marx, leitores de Marx, souberam produzir o marxismo do seu tempo. A cada um cabe a tarefa de produzir o marxismo do seu tempo para que se possa estar à altura desse tempo e estar à altura do próprio marxismo – essa deve ser a linha de raciocínio não dogmática.

Certamente, o intelectual, o militante, depende muito do observatório de onde ele se acha situado, conforme indica Löwy (2000). Todo intelectual militante precisa de um “mirante” ou “observatório”. Para uma parcela importante de militantes e de intelectuais (não necessariamente militantes), o marxismo é esse “mirante” ou “observatório”, mas a isso se soma as qualidades individuais de quem utiliza esse “mirante” ou “observatório”. O marxismo não pode enxergar por aqueles que o tomam como “mirante”. Ele apenas oferece a esses uma “possibilidade objetiva de visibilidade”. O mais é de responsabilidade do “observador”.

De resto, como tenho repetido, os limites de Marx são os limites do seu tempo (e lugar).³ As possibilidades que podemos eu e você leitor usufruir acrescentar são de nossa inteira responsabilidade. Aqui entram as nossas “qualidades individuais”, nossa “criatividade”, “imaginação”, “inteligência”, “sensibilidade”, parafraseando Löwy. Os dias que correm cobram de todos e cada um essas qualidades. Mas, cobram, sobretudo, capacidade de organizar, de pensar estrategicamente, de tratar escrupulosamente as lutas em curso, de fazê-las avançar. Se for isso, o marxismo, 200 anos depois do nascimento de Marx e 170 anos depois do Manifesto Comunista, segue muito atual.

Trotsky, Hobsbawm e Atílio Borón, e mesmo o Carlos Nelson Coutinho, já haviam chamado a atenção para o fato de que o manifesto possui limites, lacunas e passagens envelhecidas. De certo modo, é um “documento escrito para um determinado momento histórico” e “parte dele se tornou obsoleto” (HOBSBAWM, 2011, p. 103). Mas, ele “incorporava uma visão histórica” (idem, p. 105) que, longe de se perder, se atualiza na

³ Por que tempo? Marx é filho do século XIX. O seu horizonte intelectual tem esse piso histórico como substrato e pilar. As questões que o nosso século nos coloca, caro leitor, não são postas para Marx, em seu século, com o grau de informação e de debate com que eu e você nos defrontamos. Insisto em “lugar” porque Marx praticamente não saiu da Europa. A rápida passagem, já no final de sua vida, e por motivos de saúde, pelo norte da África, no essencial, não modifica esse ponto. Diferentemente, hoje, como nunca, o indivíduo dispõe de notícias e conhecimentos sobre os quatro cantos do mundo sem que se afaste do seu lugar geográfico de origem. Marx era um gênio, e buscava o máximo de informações em um mundo que era muito diferente do mundo do começo do século XXI. Além disso, movimentos que, atualmente, se propagam pela contemporaneidade sequer existiam em seu tempo. Marx era um gênio, não era um deus *ex machina* da modernidade. Era um gênio porque mesmo nos limites de tempo e lugar, de fato, produziu uma obra que, ainda hoje, dialoga com aspectos essenciais do mundo social. A sua importância não é apenas documental. Estende-se e ultrapassa os seus limites. As suas lacunas e os seus lapsos apenas sugerem que ao talento e ao engenho não corresponde uma aura divina.

medida em que se olha à volta e se percebe que o século XXI começa com 2,74 bilhões de pessoas vivendo com menos de dois dólares por dia. Por isso, Jose Paulo Netto (2015) tratou os limites e da grandeza teórico-política desse pequeno documento histórico, que completou 170 anos.

O fato é que 17 décadas depois do manifesto, o capital ainda vampiriza o trabalho, e enquanto isso persistir a atualidade de Marx, ainda que controversa, seguirá reivindicando foro de cidadania em um mundo em que a única cidadania universal, planetária, que deve ser admitida, é a do capital. Ao olhar para os 200 anos de Marx e os 170 do manifesto, deve-se concluir – como sugere Netto (2015) - que *é preciso partir deles para ir além deles*.

A idade da chuva

Comparativamente, Aristóteles não tem idade, Hegel nunca completa aniversário, Nietzsche é atemporal, Heidegger pode ir além da filosofia, somente Marx é datado (e “ultrapassado”) - subsumido nas areias do século XIX – e, ademais, peca por querer aliar teoria e prática, filosofia e proletariado, emancipação política e emancipação humana, e, desse modo, segundo os mais influentes teóricos do pensamento dominante, deve ser relegado à estrumeira da história: *tout court*.

Como todo o tempo se passa com as questões teórico-históricas decisivas, essa questão acerca da atualidade e atualização do marxismo não encontra terreno tranquilo para o seu desenvolvimento e, muito menos, se anuncia alheia às considerações de classe e as pendências ideológicas.

O fato é que o marxismo se revela mais do que um fenômeno efêmero ou intermitente. A “coerção muda” do tempo, por exemplo, não se mostra alegação satisfatória no sentido de impugnar a contemporaneidade do marxismo. Desse modo, o marxismo é mais do que um objeto histórico; ele tem algo a dizer ao que se denomina – afrancesadamente - de história do tempo presente. Com efeito, o tempo transcorrido não é argumento suficiente para se descartar Marx. Nessa perspectiva, a chuva não deixa de seguir sua trajetória líquida e certa.

Não se trata de afirmar perante o olhar atento do leitor que ele se encontra diante de verdades atemporais que decorrem da pena de Marx e de seus herdeiros. A história não é estática e não há marxismo fora da história. O marxismo soube se ligar ao devenir histórico. 200 anos depois do nascimento de Marx e 170 passados da publicação do Manifesto

Comunista, o marxismo não é rigorosamente o mesmo e não é exatamente outro. Nessa lógica, as suas bases teórico-metodológicas fundamentais mostraram-se suficientemente vigorosas para permitir seu *upgrade*.

Esse devenir teórico-histórico traz em si rupturas e continuidades. Fora disso, é ver o marxismo de um modo completamente a-histórico. Não há petrificação histórica, mas uma constante e febril atualização. A velha chuva se renova. O ciclo da água é uma ótima analogia que pode ajudar a entender essa atualização. Essa parece ser a chave para entender por que Marx é atual e se atualiza. Mais do que frágeis construções teóricas, Marx oferece uma abrangente leitura da realidade, o que explica também seu uso tão ampliado. Essa leitura da realidade ajuda na perspectiva do militante, mas a mudança de perspectiva do militante influi decisivamente na leitura. Esse diálogo de Marx com a realidade permitiu vida longa as bases teórico-metodológicas por ele inicialmente levantadas, mas, evidentemente, não se trata de uma vida eterna. O mais importante é reconhecer que o pesquisador não está em contraste com o militante e que a pesquisa em si sofre fortes influências político-históricas.

A linguagem escutada de Marx dialoga com o século XXI porque ela se tornou parte importante, não apenas de uma crítica deliberada ao capital e aos seus arranjos, mas, também, porque é uma crítica em seu nível mais alto de realização, e mais ainda, porque a humanidade continua enredada nas teias de um regime no qual o capital é soberano absoluto. A linguagem de Marx estabelece pontes históricas com o século XXI porque a sua base conceitual, bem como a sua pesquisa e ação política, ampara esforços contemporâneos de apreciação histórica do mundo em que capital e trabalho segue em sua luta, ora forte e rija, ora apenas iluminada à fraca luz da vela.

As omissões e enganos de Marx devem ser examinados em sua historicidade, afinal ele pertence a um tempo e a um lugar e desse modo os seus escritos devem ser observados e analisados. Por meio de extensa pesquisa e sem se deter jamais em um só campo de estudo, Marx legou à humanidade pistas gerais, mediante um texto aberto e movente, e uma contribuição, ao mesmo tempo arrasadora e construtora, que, nesses ermos tempos, ainda descortina horizontes para todo aquele que pretende “cambiar el mundo”. Eis o segredo da idade da chuva.

Considerações finais

Antes de finalizar esta exposição, desejo lembrá-los de que este, que não é o século de Marx, parece ainda mais afrontoso à condição humana, mas o capitalismo, por mais apodrecido que pareça, não cairá nunca numa cova que se abrirá naturalmente. Como diz Hobsbawm (2011), “as covas precisam ser abertas por ação humana”. Onde quer que haja ação humana desse teor, com esse conteúdo, com esse grau de radicalidade, o marxismo permanece muito atual, trazendo consigo um sopro de vitalidade que se cruza contraditoriamente com os sucessivos anúncios de sua morte.

Assim, onde quer que haja a ideia de uma teoria marxista divorciada da ação humana, que o leitor se atenha às sábias palavras de Engels: “... nós dois entramos de armas e bagagens no movimento político; tínhamos certas ligações com o mundo culto [...] e laços estreitos com o proletariado organizado” (Apud WILSON, 2006, p. 192). Leia-se: em Marx e Engels, as conexões entre saber (ligações com o mundo culto), atividade política e luta da classe trabalhadora constituem uma composição unitária inseparável. Movimento e teoria, teoria e movimento. Em redação pedagógica, dir-se-ia que a tríade – teoria, movimento político e proletariado – está a serviço da transformação da sociedade dominada pelo capital ou, enunciado de outra maneira, de uma mudança social radicalíssima (por isso, a metáfora das covas abertas).

Enfim, espero que a estrada que percorri não nos tenha conduzido a um lodaçal, mas a um terreno que nos permita seguir dialogando, nos entendendo, ainda que não concordemos em todas as questões; e, de resto, quem sabe, buscando soluções para as muitas equações que se ligam à figura de Marx e, num sentido mais amplo, dizem respeito à tradição marxista, das suas possibilidades, dos seus limites, dos desafios de quem a perscruta. Espero haver cumprido essa tarefa infernalmente arriscada.

Referências bibliográficas

BENSAÏD, Daniel. Marx, o intempestivo, - grandezas e misérias de uma aventura crítica, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

HOBBSAWM, Eric. Como mudar o mundo – Marx e o marxismo, 1840-2011, São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____ (org.). Prefácio de História do marxismo 1 – o marxismo no tempo de Marx, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. Sobre história, São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

EAGLETON, Terry. Marx estava certo, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

LÖWY, Michael. As aventuras de Karl Marx contra o barão de Münchhausen, São Paulo: Cortez, 2002.

MARX, Karl. Miséria da filosofia – resposta à filosofia da miséria de Proudhon, São Paulo: Centauro, 2001.

MARX, K. O capital, livro I, São Paulo: Boitempo, 2013.

_____. Engels, F. Manifesto comunista, São Paulo: Instituto José Luís e RosaSundermann, 2003.

NETTO, José Paulo (org.). Curso livre Marx-Engels: a criação destruidora, São Paulo: Boitempo, Carta Maior, 2015.

VILAR, Pierre. Marx e a história, in: História do marxismo 1 – o marxismo no tempo de Marx (org.: Eric Hobsbawm).

WILSON, Edmund. Rumo à estação Finlândia, São Paulo: Editora de Bolso, 2006.